

**16/6/1985**

### **Luta pela terra torna Sul do Pará campo de batalha**

Belém — Mortes, atentados, expulsão de colonos, incêndios de barracos, torturas, perseguições, suicídios. O Sul do Pará se transformou num verdadeiro campo de batalha pela posse da terra. E, como se tudo isto não bastasse, de janeiro para cá a situação piorou ainda mais: houve 37 mortes entre colonos e 11 entre fazendeiros e pistoleiros, revela o coordenador da Comissão Pastoral da Terra do Araguaia-Tocantins, padre Ricardo Rezende Figueira.

— Mas não é só a Igreja que vem denunciando e se preocupando com a violência. Há duas semanas, de dentro do próprio Governo, surgiram notícias inquietantes. O novo presidente do Grupo Executivo de Terras do Baixo Amazonas, Donato Cardoso, afirmou que proprietários de terras na região dispõem de Cr\$ 5 bilhões para a formação de milícias de combate ao plano de reforma agrária.

O Deputado Paulo Fontenele, do PMDB, da tribuna da Assembléia Legislativa, foi mais longe. Acusou proprietários de várias fazendas de já disporem de milícias, algumas armadas até com metralhadoras. E deu os nomes.

Fazenda Surubim, em Xinguara, de João Almeida Neto, com 60 homens, armados inclusive com metralhadoras. Castanhal Pau Ferrado, também em Xinguara, de Castor Nóbrega, com 20 seguranças. Gleba Propará, em Vizeu, guardada por 70 pistoleiros, treinados militarmente, segundo o próprio diretor do projeto, Fernando Halfen. Castanhal Dois Irmãos, de Almir Morais, com cerca de 25 homens, que teriam seqüestrado e assassinado lavradores no início do ano.

Paulo Fontenele propôs que a Assembléia solicite, com urgência, aos ministros da Reforma Agrária e da Justiça, providências para a desarticulação das milícias, responsáveis, segundo ele, pela morte de centenas de camponeses e que garantem "o latifúndio dos grandes fazendeiros que se colocam contra o Plano Nacional de Reforma Agrária".

"O Balanço da Violência no Campo", documento divulgado pela Comissão Pastoral da Terra no começo do ano, relaciona, só no final do ano passado, 47 mortes, 40 pessoas feridas, 73 prisões, incêndios de barracos, destruído de vários roçados e 278 despejos, envolvendo 3 mil 270 famílias espalhadas por uma área de pouco menos de 1 milhão 500 mil hectares, distribuídos pelos municípios de Conceição do Araguaia, Redenção, Xinguara, Rio Maria e Marabá, além de Vizeu, mais a Nordeste, onde fica a gleba Cidapar, palco de cruentas lutas.

O levantamento da Igreja diz que, entre 1980 e 1984, morreram 50 lavradores e que os requintes de perversidade superam qualquer ficção. Este ano, entre os 37 lavradores mortos, incluem-se dois suicídios. O do posseiro João Jurandir Barbosa, que não suportou as prisões e constantes pressões para deixar sua terra, e o da mulher de um lavrador, que enlouqueceu e se matou por causa das perseguições de pistoleiros e soldados da Polícia Militar a seu marido. Sebastião Mineiro.

A região sudeste do Estado, considerada de pouco interesse para a agricultura até pouco tempo, é palco agora de violentos choques, depois da descoberta de minérios. Na gleba Cidapar, onde o Governo do Estado questiona, com ação na Justiça, a legitimidade da propriedade de grandes grupos, as pesquisas revelaram a existência de ouro, titânio, diamantes e cassiterita. O lugar virou praça de guerra.

A Cidapar, garante a Comissão Pastoral da Terra, tem sua própria milícia e um comandante: James Lopes Vita, "possivelmente um ex-agente do DOI-CODI, pelos métodos de torturas e pressão que utiliza".

***(Página 16)***